



A pré-história da TV no Brasil

Beghini, Ricardo (mestrando)¹
Universidade Federal de Juiz de Fora/MG

Resumo: Este artigo pretende evidenciar que a primeira transmissão de TV aberta no Brasil ocorreu em 28 de setembro de 1948, quase dois anos antes da inauguração da TV Tupi de São Paulo, considerado o marco inicial da televisão brasileira. O presente trabalho desvenda que o técnico em eletrônica mineiro Olavo Bastos Freire foi o responsável pela iniciativa pioneira, realizada com equipamentos próprios em Juiz de Fora, Minas Gerais. A partir da hipótese que a façanha do Bastos Freire não tem reconhecimento na historiografia nacional, esta pesquisa investiga se a transmissão é devidamente registrada em obras especializadas sobre a história da televisão brasileira.

Palavras-chave: televisão; história; transmissão; pioneirismo; referências

1 Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com habilitação em Jornalismo; especialista em gestão da Educação à Distância pelo Departamento da Ciência da Computação da UFJF; e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da UFJF.

1. Introdução

No dia 18 de setembro de 2010, a televisão brasileira comemorou 60 anos de existência. A data oficial, que marca o início das transmissões em território nacional e na América do Sul, está registrada nas principais obras que tratam do tema no país. Ela corresponde à inauguração dos estúdios da TV Tupi, em São Paulo, num esforço empresarial do jornalista Assis Chateaubriand, que, um ano antes, comprou da americana RCA cerca de 30 toneladas de equipamentos necessários para montar uma emissora.

Este artigo, no entanto, pretende evidenciar que a história da TV no Brasil teve capítulos anteriores a 18 de setembro de 1950 e que a primeira transmissão aberta pública ocorreu quase dois anos antes no dia 28 de setembro de 1948 em Juiz de Fora, Minas Gerais. Em seu estágio embrionário, a televisão brasileira, “extraoficialmente” inaugurada em solo mineiro, seguiu o mesmo caminho dos primórdios da TV em escala global, cujo marco inicial é a invenção do iconoscópio, em 1923, pelo engenheiro eletrotécnico russo Vladimir Zworykin. “A história da televisão deve-se a grandes matemáticos e físicos, pertencentes às ciências exatas que entregaram para as ciências humanas um grande e poderoso veículo” (VALIM et al, 1998).

Coube ao técnico em eletrônica autodidata Olavo Bastos Freire (1915-2005), natural do também mineiro município de Leopoldina, a proeza (ainda hoje pouco reconhecida em esfera nacional) de realizar a transmissão pioneira com equipamentos montados por ele a partir de leitura de revistas e manuais técnicos em língua estrangeira. O interesse de Freire se deu pouco depois de a BBC de Londres ter inaugurado o primeiro serviço público de televisão em 1937.

De acordo com o material consultado nesta pesquisa, a contribuição do mineiro para a história da televisão brasileira extrapolou a iniciativa pioneira de 1948. Em 21 de maio de 1950, ele transmitiu, pela primeira vez, uma partida de futebol, antevendo, naquela época, o que hoje responde pelas maiores audiências da TV comercial aberta. Freire, neste mesmo ano, no dia 28 de setembro, “dez dias após a inauguração da TV no Brasil” (LINS; BRANDÃO, 2012, p. 150), transmitiu imagens de um programa de rádio. A iniciativa foi patrocinada por uma empresa química, prenunciando o forte vínculo entre a televisão e a publicidade ainda intenso nos dias de hoje.

Durante a pesquisa tivemos acesso aos equipamentos utilizados na primeira

transmissão aberta de TV que foram doados por Bastos Freire, em 2001, à Divisão de Memória da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa), órgão da administração indireta da prefeitura de Juiz de Fora, que também conta com um depoimento em áudio do técnico, falecido em abril de 2005, aos 89 anos.

Como metodologia, além de utilizar a pesquisa documental, consultando o acervo público da Fundação, realizamos uma pesquisa bibliográfica a partir de autores locais e nacionais, que apresentam abordagens diferentes em relação aos primórdios das transmissões de TV no país. Enquanto os primeiros, com raras exceções, demonstram desconhecer este fato histórico, não o revelando em obras importantes sobre a história da televisão, autores e veículos de comunicação locais ressaltam o pioneirismo audiovisual da cidade, enaltecendo a capacidade criativa de Bastos Freire. Este é, por sinal, o principal problema que levantamos neste trabalho, pois supomos que façanha de Olavo Bastos Freire não teve a devida repercussão na historiografia nacional.

É necessário destacar que este artigo tem ainda o objetivo de colaborar com história da mídia nacional, e, com isso, divulgar o pioneirismo das experiências feitas em Juiz de Fora, preservar a memória cultural da cidade e valorizar os esforços de Bastos Freire. Essa pesquisa evidencia também que, embora o feito do técnico leopoldinense em circuito aberto seja pioneiro, experiências paralelas com equipamentos primitivos de TV também ocorriam no Rio de Janeiro.

2. O contexto das transmissões pioneiras e a influência do rádio

Olavo Bastos Freire mudou-se de Leopoldina para Juiz de Fora em 1935, aos 20 anos. Na cidade trabalhou como engarrafador numa fábrica de bebidas, auxiliar de construtoras e no departamento de obras da prefeitura. Nesta época, começou a se dedicar aos estudos eletrônicos. Em 1938, foi contratado como técnico na firma A.Villela & Andrade (posterior Casa do Rádio). Em 1940, o técnico montou a própria oficina, quando teve acesso a publicações especializadas que traziam esquemas de montagem de um conjunto de TV (câmera-transmissor-receptor).

“Depois que a BBC de Londres iniciou os primeiros testes na distribuição de imagem de TV e quando uma revista técnica americana publicava um esquema amador para imagens, Olavo Freire teve sua atenção despertada para a nascente forma de comunicação com o público. (DIÁRIO MERCANTIL, 22 mar. 1981)

A montagem dos aparelhos, que durou de 1946 a 1947, corresponde, em escala

global, a uma também fase embrionária das transmissões TV, embora o novo meio de comunicação já tivesse superado marcos históricos elementares, como o desenvolvimento da célula foto-elétrica², dos raios catódicos³, do disco de Nipkow⁴ e a invenção do iconoscópio⁵ na década de 1920. No livro *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*, de Briggs e Burke (2006), fica evidente que no período em que Bastos Freire desperta o interesse pela televisão este meio ainda era visto como uma surpreendente inovação tecnológica, sem maiores discussões sobre suas implicações sociais. Como alguns marcos da TV ainda não haviam sido alcançados, como a incorporação de transistores, a transmissão em cores e via satélite, - e o domínio do rádio era absoluto - as discussões se restringiam a definição de padrões de resolução.

A radiodifusão em ambos os lados do Atlântico e em muitas outras partes do mundo, independente do padrão adotado, esta tão bem estabelecida em meados da década de 1930, que nunca foi fácil para aqueles com ela comprometidos – proprietários, administradores, apresentadores e artistas – decidir como a televisão, com sua longa pré-história, poderia se encaixar (ver. p. 175). Além do mais, embora houvesse uma minoria dedicada de entusiastas, a situação econômica geral era desfavorável a um desenvolvimento rápido. Nos Estados Unidos, que poderiam ter tomado a liderança, os primeiros anos da década antes do *New Del*, foram de depressão, quando o crescimento das vendas, mesmo de automóveis, esteve sob ameaça. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 233)

Já o período final da montagem dos equipamentos de TV por Bastos Freire, em 1947, e sua exibição pública, em 1948, equivalem ao início, ainda que tímida, da fase virtuosa da televisão em nível mundial, com a introdução de novas tecnologias, evidenciando o potencial do meio para uma audiência de massa. “Quando em junho de 1946, após o intervalo de sete anos da guerra, a televisão de 405 linhas foi restaurada – a primeira série suspensa foram os desenhos animados da Disney, em 1939 –, ela foi considerada uma ‘ressurreição’”, (BRIGGS; BURKE, 2006, p.236).

No contexto local, Juiz de Fora também vivia sob os efeitos da Era do Rádio,

² O cientista alemão Heinrich Hertz (1857-1894) descobriu, em 1887, que a luz podia “extrair” elétrons (partículas subatômicas carregadas de eletricidade negativa) ao incluir sobre certas substâncias. Dessa forma, a energia luminosa podia ser convertida em energia elétrica.

³ Os raios catódicos são radiações onde os elétrons emergem do pólo negativo de um eletrodo, chamado cátodo, e se propagam na forma de um feixe de partículas negativas ou feixe de elétrons acelerados. Foi aperfeiçoado pelo físico alemão Eugen Goldstein em 1886.

⁴ O disco de Nipkow consistia num aparelho, inventado em 1884 por Paul Nipkow, para enviar uma imagem em movimento de um local para outro, por meio de um condutor elétrico, o selênio.

⁵ Patenteado em 1923 pelo russo Wladimir Zworykin, o iconoscópio (definido por ele como uma reprodução do olho humano) é um tubo de raios catódicos utilizado em televisão, no qual se converte uma imagem óptica numa sequência de impulsos elétricos.

que teve auge no Brasil entre os anos de 1940 e 1950. A cidade abraçou este veículo de comunicação de grande alcance e imediatismo. Segundo Lins e Brandão (2012), em *Cariocas do Brejo Entrando no Ar: o rádio e a televisão na construção da identidade juiz-forana (1940-1960)*, o município foi o primeiro do Estado a contar com uma emissora: a PRA-J, rádio Sociedade de Juiz de Fora, fundada por Cardoso Sobrinho em sua residência em uma das ruas centrais da cidade.

A popularização do veículo só aconteceria mais tarde, com o advento dos “reclames”, ou seja, anúncios publicitários, já na década de 1930. Com a propaganda o rádio começaria a se autossustentar, podendo, assim, determinar uma programação mais voltada para seu verdadeiro público alvo: a classe mais pobre da população (LINS; BRANDÃO, 2012, p. 77)

Segundo os autores, em 1948, já sob a nova nomenclatura PRB-3 e fazendo parte das emissoras dos Diários Associados, o rádio juiz-forano seguia o modelo carioca de radiodifusão “consolidando seu importante papel na formação da identidade desse mineiro atípico, pois trazia para todos os lares as últimas notícias, moldava a opinião pública, vendia produtos, lançava modas e a alimentava o sonho dos ouvintes” (LINS; BRANDÃO, 2012, p. 83)

É importante lembrar que é neste contexto que Bastos Freire ingressa no trabalho numa loja especializada em aparelhos de rádio, a Casa do Rádio, e monta sua própria oficina em 1940. Isso explicaria as semelhanças de conteúdos entre primeiras transmissões abertas de TV em Juiz de Fora e as emissões radiofônicas já consolidadas. O mesmo fenômeno semelhante foi percebido nas primeiras transmissões da TV Tupi de São Paulo, que eram consideradas uma versão do rádio para a TV.

A televisão brasileira é herdeira do rádio em todos os sentidos. Dele vieram a mão-de-obra pioneira, as fórmulas dos programas e o modelo institucional adotado. Diferentemente dos Estados Unidos, onde a inspiração estava no cinema, ou da Europa, onde o teatro era referência importante, aqui o rádio foi a matriz da televisão. (BUCCI et al, 2000, p. 108)

No caso de Bastos Freire, essa tendência foi claramente notada em duas transmissões posteriores a pioneira de 28 de setembro de 1948. Em 21 de maio de 1950, como parte das comemorações do centenário de Juiz de Fora, ele transmitiu, pela primeira vez, uma partida de futebol, já comum no rádio. A partida foi entre o Tupi e Bangu, do Rio de Janeiro. Segundo Ribas (1990), as imagens geradas no campo do Bairro Santa Terezinha, sede do time local, eram acompanhadas num aparelho instalado na Rua Halfeld, Centro da cidade, a cerca de 2 quilômetros de distância.

Fazia parte da delegação o cronista esportivo de “A Noite” e da rádio Nacional – Sr. Antônio Cordeiro, que, depois do jogo, transmitiu seu resultado pelo telefone – Tupi 3 a 2, e a notícia de que o mesmo fora televisionado. Nessa noite, o “Repórter Esso” noticiou que em Juiz de Fora fora televisionado, pela primeira vez no Brasil, um jogo de futebol (STEHLLING, 1961).

No mesmo ano, Bastos Freires transmite imagens e sons de um programa de rádio da recém fundada Rádio Industrial de Juiz de Fora, o *Noticiarista T9*, apresentado pelo repórter José Carlos de Lery Guimarães, com a participação da cantora Oswaldina Siqueira. A iniciativa do técnico foi patrocinada pelas Indústrias Químicas Carlos Pereira (nesta época a publicidade já havia se incorporado ao rádio). De acordo com Stehling (1961), as imagens do estúdio podiam ser captadas na vitrine de uma loja também na Rua Halfeld.

3. Pelas ondas hertzianas: a corrida para ser o primeiro

Bastos Freire não foi o único técnico que isoladamente e contando com recursos próprios fez experiências com equipamentos primários de TV na década de 1940. Lins e Brandão (2012) revelam que o técnico Eduardo Ferreira Rocha, amigo de Bastos Freire e funcionário da Panair no Rio de Janeiro, e que viajava frequentemente para os Estados Unidos, também se dedicava a montar um conjunto de TV. Foi ele quem trouxe os equipamentos para o colega mineiro.

Com fotografia e manchete de capa, em fevereiro de 1946, a revista carioca *Antenna – Rádio Para Todos*, trazia o seguinte título: *O primeiro aparelho de Televisão no Brasil*. A foto que ilustra a chamada principal, em sua parte superior, traz uma câmera de TV, com monitor, modulador, transmissor, receptor com tudo de raios catódicos e uma fonte de alimentação. Abaixo aparece o próprio Eduardo Rocha e alunos da Escola Técnica Nacional. A revista chamou o técnico carioca de pioneiro da televisão no Brasil, embora publicações locais revelem que Bastos Freire, em 1946, também tivesse montando seu conjunto de televisão em Juiz de Fora.

Com efeito, o seu trabalho representará um marco na História da Televisão entre nós, assinalando o esforço de um técnico que soube fazer coroar de êxito as suas experiências e estudos tendentes a construir, em nossa terra, o primeiro transmissor moderno de televisão, receptor de imagens e todo equipamento necessário ao estabelecimento e controle de um sistema experimental deste tipo de comunicação. (ANTENNA, 1946)

Reportagem do jornal juiz-forano *Hoje/Leia*, de 1978, também a atribui a Eduardo Rocha a construção pioneira da primeira câmara de TV, “mas não chegou a fazer demonstração prática, coisa que Olavo fez, obtendo em dezembro de 1946, a primeira imagem de TV no monitor da câmara que construiu.” (HOJE/LEIA, 1978). A reportagem também explica as diferenças e semelhanças das exibições experimentais feitas pelos dois técnicos.

É de responsabilidade de Olavo a primeira transmissão oficial de TV totalmente eletrônica, em circuito aberto no Brasil, feita no Clube Juiz de Fora. Como o pioneiro Eduardo Rocha, ele nunca recebeu apoio oficial, suas experiências sempre foram custeadas por ele mesmo, que prefere ser técnico que comerciante. (HOJE/LEIA, 1978)

Bastos Freire também poderia ter perdido a primazia da primeira transmissão de TV no país para Rádio Nacional. Curiosamente, duas publicações de 1948, revelam que, no mesmo dia 28 de setembro, a emissora carioca realizou uma transmissão experimental. Para um jornal impresso naquele dia, pertencente ao acervo da Funalfa, o qual não é possível definir o nome, o diretor Rádio Nacional, Calmon Costa declarou:

Hoje, finalmente, a partir das 21 horas, a Rádio Nacional dará início às demonstrações de televisão, transmitindo alguns de seus programas normais. Apresentando esta demonstração, a Rádio Nacional deseja apenas satisfazer a curiosidade popular, sem a pretensão de tomar a dianteira nessa iniciativa, cuja realização importa o emprego de capitais vultosos, além de técnica especializada bastante complexa. (TELEVISÃO HOJE, 1948)

Matéria da *Asapress*, (ASAPRESS, 1948) com data do dia 29, trazia o título *Concretizada a Televisão no Brasil*. Um dos subtítulos da notícia indicava que, nesta altura, parecia haver uma corrida para se conquistar o primeiro lugar nesta façanha: *A estação mineira reivindica a primazia da exibição*, salientava o jornal.

Bastos Freire deveria mesmo reivindicar o pioneirismo, pelo menos por questão de poucas horas, uma vez que o experimento carioca ocorreu às 21 horas com equipamentos franceses e os testes do técnico mineiro por volta das 10 horas da manhã, conforme publicações da época. Em 1981, o jornal *Diário Mercantil* transcreveu o texto da primeira página do *Diário da Tarde* de 28 de setembro de 1948:

Com a presença dos srs. General Dermeval Peixoto, comandante da Quarta Região Militar, Dilermando Cruz Filho, prefeito Municipal de Juiz de Fora, do chefe do Estado Maior Regional e de oficiais da guarda, dos vereadores a Câmara Municipal e de outras autoridades civis, foi levada a efeito, hoje pela manhã, nesta cidade, a primeira experiência oficial já realizada no Brasil com aparelhos de televisão. (DIÁRIO MERCANTIL, 1981)

Em sua transmissão pioneira, Bastos Freire filmou bondes e pessoas na Avenida Rio Branco, principal da cidade, a partir do Edifício Clube de Juiz de Fora. As imagens chegaram ao aparelho receptor instalado na loja Caso do Rádio, na Avenida Getúlio Vargas, percorrendo cerca de 500 metros. Nesta experiência, a imagem foi transmitida na frequência de 114,7 Mhz e o som na faixa de rádio amadores de 80 metros. Os equipamentos utilizados pelo técnico (Figuras 1,2 e 3 da esquerda para a direita), e aperfeiçoados por ele com o passar do tempo, estão preservados no histórico edifício Paço Municipal, que hoje é sede da Funalfa, na Avenida Rio Branco, 2234, Centro, Juiz de Fora.

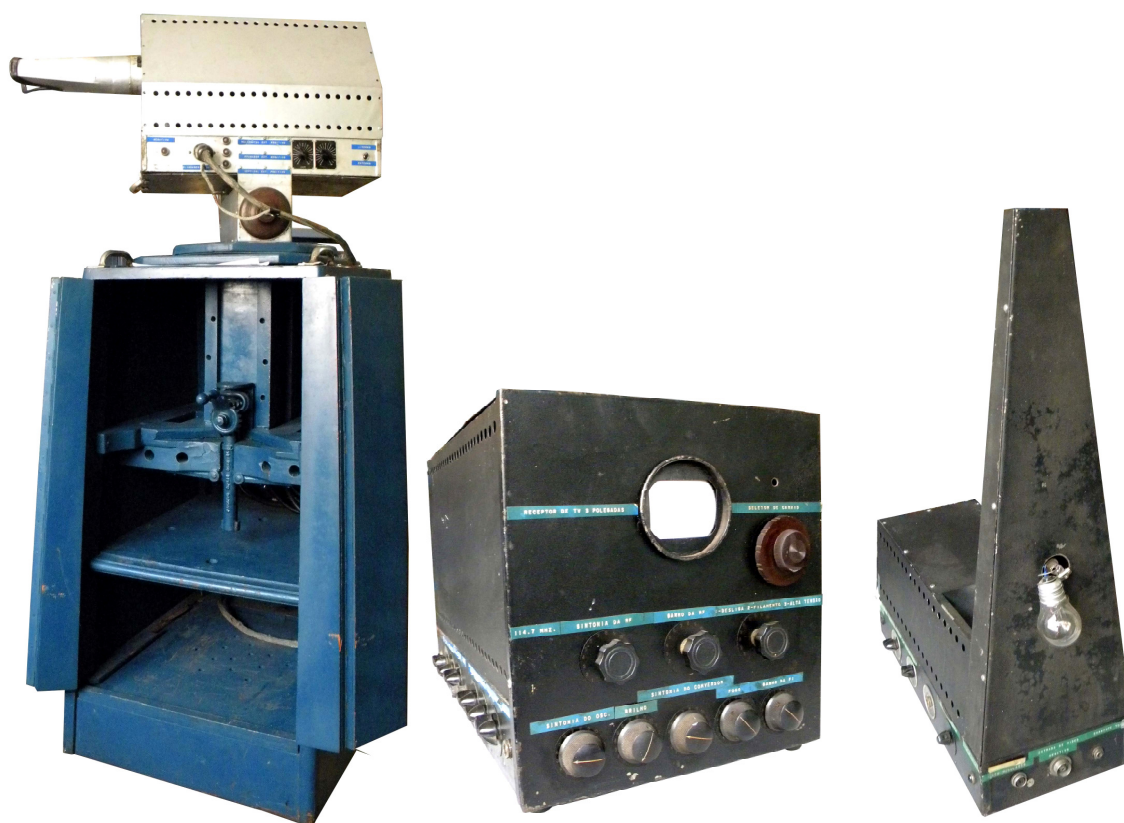


Figura 1: Iconoscópio RCA 1847 (120 linhas e 30 quadros por segundo), depois modificado para RCA 5527 (262 linhas e 60 quadros por segundo). Equivalente à câmera de TV.

Figura 2: Receptor de TV com tela verde de três polegadas.

Figura 3: Antena para transmissão e recepção a longa distância.

A presença de autoridades e imprensa demonstra que Bastos Freire utilizou

estratégia semelhante a de Santos Dumont, evitando que seus feitos fossem contestados no futuro. O brasileiro convidava repórteres e fotógrafos para registrar suas façanhas em Paris, entre elas a conquista da dirigibilidade, contornando a Torre Eiffel, com o Balão Número 6, em 1901, e o voo do mais pesado que o ar, o 14 Bis, em 1906, no Campo de Bagtelle. Já os experimentos da mesma época feita nos Estados Unidos pelos irmãos Wright, a quem os norte-americanos atribuem a invenção do avião, em 1903, teve poucas testemunhas.

Mas ainda que a data 28 de setembro de 1948 fosse contestada, os autores Lins e Brandão (2012), com base em depoimento do próprio técnico, revelam que provavelmente a primeira transmissão aberta de TV em Juiz de Fora ocorreu em 1947, sem a presença do público, autoridades e imprensa, mas com ajuda de um vizinho.

Eu coloquei um receptor lá no fundo do quintal dele e o transmissor ficou ali.. A câmera ficou na janela da minha oficina no 373 e eu focalizando o bonde passando ali, o pessoal passando na Rua Marechal... e ele foi ver a imagem lá no fundo, né! Foi a primeira transmissão que eu fiz de televisão em circuito aberto, circuito aberto é quando a imagem é irradiada por ondas hertzianas (...). Até chamei o Ademar lá, ele viu, ele foi o primeiro a ver a transmissão à distância, uma distância pequena, 10m, 20m, até o fundo do quintal (...) Depois eu comecei a fazer experiências em distâncias cada vez maiores (FREIRE, 2001 apud LINS; BRANDÃO, 2012, p.146)

4. A história “desconhecida” da TV brasileira

A hipótese que levantamos neste artigo, que o pioneirismo de Bastos Freire não tem o devido reconhecimento além do município mineiro que foi palco de suas experiências técnicas, é compartilhada por Lins e Brandão (2012). “Na historiografia que temos sobre a televisão brasileira, são raras as referências às transmissões feitas, em Juiz de Fora, pelo técnico em eletrônica Olavo Bastos Freire” (LINS; BRANDÃO; 2012, p.144).

Para investigar esta suposição analisamos cinco publicações renomadas e, muitas vezes, utilizadas como referência em salas de aula para contar a história da televisão no Brasil. Dedicamos, especialmente, as obras posteriores ao ano de 2000, quando a TV brasileira completou “oficialmente” o seu cinquentenário. Em apenas um dos livros pesquisados há uma curta menção (um parágrafo) à façanha do técnico mineiro, feita depois creditar o começo da televisão à inauguração da TV Tupi.

Entretanto, há quem conteste que essa tenha sido a primeira experiência de transmissão de TV na América do Sul. Alceu Fonseca afirma que a primeira

foi feita por ele, em 29 de setembro de 1948, quando a Rádio Industrial de Juiz de Fora um jogo de futebol entre o Tupi, clube da cidade, e o Bangu, do Rio de Janeiro, com equipamentos construídos na própria cidade pelo técnico Olavo Bastos. (LORÊDO, 2000, p. 11)

Cabe destacar algumas considerações sobre as afirmações acima, publicadas em *Era uma vez... a televisão*, da editora Alegro. Segundo obras e reportagens publicadas em Juiz de Fora, utilizado em partes anteriores deste artigo, a partida de futebol transmitida por Bastos Freire ocorreu em 21 de maio de 1950, cerca de um ano meio após a experiência pioneira do técnico em eletrônica. O autor João Lorêdo, um dos diretores pioneiros da TV brasileira, sendo, inclusive, um dos criadores do Programa Fantástico, da Rede Globo, começou na TV Tupi do Rio de Janeiro em 1951. Ele viveu os últimos anos de sua vida em Juiz de Fora, onde faleceu no dia 25 de janeiro de 2012, aos 81 anos.

Outras obras avaliadas não fazem qualquer referência à Bastos Freire, embora carreguem no próprio título o peso de quase uma obrigatoriedade. Este é o caso de *História da Televisão no Brasil – do início aos dias de hoje*, com vários autores e organizado por Ana Paula Ribeiro, Igor Sacramento, Marco Roxo, e a *História da Televisão Brasileira*, de Sérgio Mattos. Este último pondera que a televisão brasileira começou a ser implantada em fevereiro de 1949, quando Chateaubriand comprou os equipamentos necessários para montar uma emissora.

A televisão brasileira foi inaugurada oficialmente no dia 18 de setembro de 1950, em estúdios precariamente instalados em São Paulo, graças ao pioneirismo do jornalista Assis Chateaubriand. A TV Tupi-Difusora surgiu numa época em que o rádio era o veículo de comunicação mais popular do país, atingindo quase todos estados. (MATTOS, 2008, p. 53).

Também em *A TV aos 50 – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*, organizado por Eugênio Bucci, embora se dedique principalmente a apresentar uma análise crítica da televisão, nenhum dos 10 autores menciona que as primeiras transmissões ocorreram em Minas Gerais. Curiosamente, no capítulo *Antenas da brasilidade*, escrito por Gabriel Priolli, é relatada uma situação já experimentada em Juiz de Fora. “De setembro de 1950, quando se inaugurou a TV Tupi de São Paulo - primeira emissora do país e do hemisfério Sul do planeta -, até abril de 1960, quando foi introduzida aqui a tecnologia do videoteipe, a televisão só existiu onde estavam erguidas as antenas de transmissão.” (BUCCI, 2000, p.11).

Na obra rica em detalhes sobre a implantação da emissora paulista TV *Tupi*,

uma linda história de amor, editado pela Imprensa Oficial, e escrito por Vida Alves, protagonista do primeiro beijo na televisão brasileira, e presidente do Museu da TV e da Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da Televisão Brasileira, também não há qualquer referência a Bastos Freire. A autora também considera a inauguração da TV Tupi paulista, como marco inicial da TV no país.

A televisão foi introduzida no Brasil no dia **18 de setembro de 1950**. Há 57 anos. E de lá para cá foi invadindo todos os lares, todos os cantos, todos os corações, todas as vidas. (...). Aliás, para mim, que nos últimos 12 anos só faço tentar registrar a memória da televisão, como presidente da Pró-TV, falar e escrever sobre isso não é apenas dever. É missão. É prazer. É amor. (ALVES, 2008, p.15)

5. Conclusões

Ficou evidente neste trabalho que o marco zero da televisão no Brasil, definido pela obstinação do técnico mineiro Olavo Bastos Freire na transmissão pioneira realizada em Juiz de Fora com sinal aberto, é omitido na maioria das obras verificadas na última parte deste artigo. Cabe ressaltar que a façanha obteve sucesso e ocorreu na presença de autoridades e imprensa, o que poderia, por isso, também ser ela considerada uma iniciativa “oficial”.

Saliento, no entanto, que a omissão da proeza de Bastos Freire na bibliografia consultada não se dá pela má vontade ou imprecisão dos autores. Acredito que tenha ocorrido por mera escassez de divulgação desta transmissão pioneira na mídia nacional nos idos de 1948 e posteriormente, em especial, no eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

Vem deste obscurantismo a importância deste artigo e de outras pesquisas e obras que desvendem a história da TV antes da inauguração da TV Tupi em 1950, informando os acontecimentos para a comunidade científica e o público em geral. Destaque-se ainda que há indícios que a transmissão em circuito aberto em Juiz de Fora tenha sido a primeira realizada no Hemisfério Sul.

Além da importância de se divulgar o feito de Bastos Freire para dar o mérito a quem o tem por direito e contribuir para a memória cultural da cidade de Juiz de Fora e do estado de Minas Gerais, outras questões nortearam a realização deste trabalho.

Muitos poderiam questionar este artigo por evidenciar uma iniciativa extramente técnica, e, sendo assim, ligada muito mais às ciências exatas. Neste sentido, me apego ao pensamento do tecnólogo e filósofo francês, Gilbert Simondon, que

trouxe novos sentidos para a gênese dos objetos técnicos, abordada por ele de maneira não tecnofófica.

Simondon (1958) nos alerta que vivemos numa sociedade não apenas de humanos, mas de homens e máquinas. Para ele é falsa e sem fundamento a oposição entre cultura e a técnica e entre o homem e a máquina. “Ela mascara atrás de um humanismo um humanismo fácil uma realidade rica em esforços humanos e em forças naturais e que constitui o mundo dos objetos técnicos, mediadores entre a natureza e o homem” (SIMONDON, 1958).

Por fim, ressaltamos que somente foi possível escrever este artigo graças ao apoio da Divisão de Memória Funalfa, que, gentilmente permitiu que fosse realizada uma consulta ao seu acervo de matérias jornalísticas de época que fazem menção à primazia do técnico do mineiro. A Funalfa também cedeu fotografias dos equipamentos sob a guarda da instituição e permitiu uma visita aos aparelhos utilizados na fase embrionária da TV brasileira.

Referências

ALVES, Vida. **TV Tupi, uma linda história de amor**. São Paulo: ed. Imprensa Oficial. 2008.

ANTENNA – RÁDIO PARA TODOS. Rio de Janeiro, RJ. FUNALFA/Divisão de Memória. Edição: 219 fev. 1946.

ASAPRESS. **Concretizada a televisão no Brasil**. FUNALFA/Divisão de Memória. Edição: 29 de set. 1948.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. Rio de Janeiro: ed. Zahar. 2006.

BUCCI, Eugênio (Org.). **A TV aos 50 – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: ed. Fundação Perseu Abramo. 2000.

DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados. FUNALFA/Divisão de Memória. Edição: 22 de mar. 1981.

FREIRE, Olavo Bastos. **Olavo Bastos Freire: depoimento** (jun. 2001). Entrevistadores: Nilo de Araújo Campos e Hilda Rezende Paula. Juiz de Fora, 2001. 1 mini-disk, estéreo. FUNALFA/Divisão de Memória.

LINS, Flávio; BRANDÃO, Cristina. **Cariocas do brejo entrando no ar** – O rádio e a televisão na construção da identidade juiz-forana (1940-1960). Juiz de Fora: FUNALFA; Ed. UFJF, 2012.

LORÊDO, João. **Era uma vez... a televisão**. São Paulo: ed. Alegro, 2000.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira** – Uma visão econômica, social e política. Petrópolis: ed. Vozes, 2008

HOJE/LEIA. Juiz de Fora, MG: FUNALFA/Divisão de Memória. Edição: 15 de jan. 1978.

RIBAS, Sérgio. **A história da tevê contada em exposição**. Hoje em Dia, Belo Horizonte: FUNALFA/Divisão de Memória. 13 fev. 1990.

RIBEIRO, Ana Paula; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **História da Televisão no Brasil** – do início aos dias de hoje. São Paulo: ed. Contexto, 2010.

SIMONDON, Gilbert. **Introdução** (1958b). Tradução de Pedro Peixoto Ferreira; revisão de Christian Pierre Kasper Disponível em: <<http://cteme.wordpress.com/publicacoes/do-modo-de-existencia-dos-objetos-tecnicos-simondon-1958/introducao/>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

STEHLLING, Luiz José. **Primeira demonstração pública de TV na América do Sul**. Diário Mercantil, Juiz de Fora. FUNALFA/Divisão de Memória. 4 nov. 1961.

TELEVISÃO HOJE, à noite, na Avenida Rio Branco. Rio de Janeiro, RJ. FUNALFA/Divisão de Memória. Edição: 28 de set. 1948.

VALIM, Maurício; COSTA, Soraya; FIORDELÍSIO, Renata. **A história da televisão: de sua invenção ao início da transmissão em cores** (1998). Disponível em <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/histormundi.htm>> Acesso em: 29 jul. 2012.